EL FIN Y EL MEDIO: uma canção sem anestesia e o genocídio na Faixa de Gaza [1]

EL FIN Y EL MEDIO: a song without anesthesia and the genocide in the Gaza Strip

Laan Mendes de Barros[2]

Resumo: *Em setembro de 2025, a população palestina da Faixa de Gaza vivia uma tragédia humanitária de enormes dimensões, sob bombardeios intensos, destruição da estrutura urbana e escasses de alimentos e medicamentos. Os ataques israelenses, que levaram à morte mais de 71.600 palestinos, se deram em resposta aos atentados de 8 de outubro de 2023, quando integrantes do Hamas romperam os bloqueios de fronteira israelense, mataram 1.219 pessoas e sequestraram outras 251. Uma comissão internacional de inquérito da ONU concluiu que "Israel cometeu genocídio contra os palestinos na Faixa de Gaza". Nesse contexto histórico, Jorge Drexler lançou nas plataformas de streaming a canção* El fin y el medio*, que inspirou a criação de um videoclipe por um sindicalista uruguaio. Canção e videoclipe são comentados neste artigo como exemplo de experiência estética midiatizada, de comunicação sem anestesia, que no confronto entre consensos e dissensos articula estética e política, reconhecimento e alteridade.*

Palavras-Chave: *Experiência estética. Comunicação sem anestesia. Faixa de Gaza. Jorge Drexler.*

Abstract: *In September 2025, the Palestinian population of the Gaza Strip was experiencing a humanitarian tragedy of enormous proportions, under intense bombardment, destruction of urban infrastructure, and shortages of food and medicine. The Israeli attacks, which led to the deaths of more than 71,600 Palestinians, were in response to the attacks of October 8, 2023, when Hamas members broke through Israeli border blockades, killing 1,219 people and kidnapping another 251. An international UN commission of inquiry concluded that " Israel has committed genocide in the Gaza Strip". In this context, Jorge Drexler released the song* El fin y el medio *on streaming platforms, which inspired the creation of a music video by a Uruguayan trade unionist. The song and music video are discussed in this article as a mediated aesthetic experience, a form of communication without anesthesia, which, in the confrontation between consensus and dissent, articulates aesthetics and politics, recognition and otherness.*

Keywords: *Aesthetic experience. Communication without anesthesia. Gaza Strip. Jorge Drexler.*

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Experiência Estética. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

[2] Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1995). Docente permanente do PPGCom da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2. laan.m.barros@unesp.br

1. Introdução

Entre setembro e outubro do ano passado o noticiário internacional e as redes sociais estavam tomadas pela tragédia humanitária vivida pelo povo palestino da Faixa de Gaza. Em várias partes do mundo surgiram manifestos e ações de apoio e solidariedade, promovidas por organizações privadas, governamentais e não-governamentais, que buscavam interromper a impiedosa e vergonhosa empreitada israelense naquele estreito território palestino, onde vivem (e hoje lutam para sobreviver), de forma bastante adensada, cerca de 2,1 milhões de pessoas. Essa população hoje mora em acampamentos ou em meio aos escombros que restaram de suas cidades. Certamente, os traumas de uma guerra tão violenta e desigual ainda permanecerão por muitos anos na vida dos sobreviventes.

Grandes manifestações em espaços públicos de várias cidades ao redor do mundo, levantaram a bandeira da Palestina e fizeram ecoar o grito *Free Palestine*. Uma coligação de ativistas de direitos humanos e grupos pró-Palestina constituíram o *Movimento pela Liberdade de Gaza - FGM* (Free Gaza Movement), que organizou dentre várias ações a *Flotilha da Liberdade*, uma iniciativa internacional que buscava romper o bloqueio naval de Israel à Faixa de Gaza para entregar ajuda humanitária e chamar a atenção para a situação desumana imposta à população palestina daquele território.

Por outro lado, nas redes sociais e em vários meios de comunicação passaram a circular mensagens, depoimentos, vídeos e imagens que procuravam criar consciência crítica e vontade política que permitisse a reversão daquela situação extrema de agressão, um projeto de eliminação de um povo. Um verdadeiro genocídio, como denunciou o Alto Comissariado para os Direitos Humanos da ONU.

É nesse contexto que este artigo foi pensado e é apresentado ao GT Comunicação e Experiência Estética da Compós em 2026, como um manifesto de indignação e solidariedade, como uma ação de "comunicação sem anestesia" (BARROS, 2017), que rompa a alienação e a indiferença de muitas pessoas que permaneceram impassíveis frente ao drama, à dor e à morte de tanta gente. Nosso olhar se volta, em especial, as crianças daquele território, que foram submetidas a condições muito precárias, e ainda sofrem as consequências de uma guerra injustificável e sobrevivem nos escombros das cidades e vilas que ali existiam.

O texto assume uma configuração um tanto informal, registra opiniões do próprio autor e de entrevistados, toma uma canção e sua circulação midiática como objeto de observação e ilustração, para refletir sobre produção de sentido, estética e política em uma sociedade midiatizada. Como sustenta José Luiz Braga (2006, p. 27), "os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nesta, entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura". Trata-se, diz ele, de um "sistema de resposta social sobre a mídia", um sistema de "circulação diferida e difusa", que acontece de forma alargada e difusa e caracterizam a midiatização da sociedade. Para além da lógica instrumental, que um componente da infraestrutura das dinâmicas sociais, a mídia passa a ser pensada como elemento da superestrutura da sociedade, presente na cultura e na política. Ou, como propõe Stig Hjarvard (2014, p. 15), os estudos de midiatização devem se voltar para "as transformações estruturais dos meios de comunicação na cultura e sociedade contemporâneas". Segundo ele, esses estudos "ocupam-se das mudanças estruturais de *longo prazo* relativas ao papel da mídia na cultura e na sociedade, em que os meios de comunicação adquirem maior autoridade para definir a realidade e os padrões de interação social".

É nessa perspectiva que trazemos aqui um contexto histórico, uma canção, e sua "circulação diferida e difusa" como experiência estética sensível e contundente, sem anestesia, cheia de indignação e emoção. Essa canção é aqui trazida juntamente como experiência poética que se converte em experiência estética e é resignificada nos processos de interpretação e apropriação, reconhecimento e recriação, gerando novas experiências poéticas e assim sucessivamente. Nosso próprio artigo reflete essa dialética entre impressão e expressão, esse continuum entre produção e interpretação.

Por fim, nestas palavras introdutórias cabe registrar que este estudo faz parte da pesquisa que realizamos com apoio do CNPq (Bolsa de Produtividade), intitulada *Mobilizações musicais colaborativas na sociedade em rede: comunicação, experiência estética e alteridade*. Também, que as discussões e angulações aqui trazidas ampliam e problematizam discussões que trouxemos em outros textos, como o capítulo *Vozes que dão voz: mobilização, reconhecimento e alteridade na Web* (BARROS, 2018) e *"Nada se perde, tudo se transforma": percepção estética da música na era de sua reprodutibilidade técnica* (BARROS, 2021).

2. O contexto da história

No dia 15 de setembro de 2025 o compositor e cantor uruguaio Jorge Drexler lançava nas plataformas de streaming uma nova canção, intitulada *El fin y el Medio*[3]. Os versos das duas primeiras estrofes dizem:

> Un refugiado es un refugiado
> Un niño es un niño y el miedo es el miedo
> Destierro es destierro
> Y una hipocresía es una hipocresía
>
> No hay signo, no hay bando
> No hay ideología ni misterio
> No hay un solo fin
> Que justifique cualquier medio

O premiado artista uruguaio[4], radicado na Espanha, retoma nesta canção o tema dos conflitos bélicos. E o faz desde uma perspectiva crítica e humanista. Assim como na *Milonga del moro judío*, que proclama "No hay una piedra en el mundo / Que valga lo que una vida", em *El fin y el Medio* Drexler traz um manifesto pela paz e contra o genocídio praticado na Faixa de Gaza pelo governo israelense, por meio de sua poderosa estrutura militar e apoio político e financeiro internacional, com destaque aos EUA. Os bombardeios constantes de Israel, somados às incursões por terra e ao bloqueio da entrada de ajuda humanitária, com alimentos e medicamentos provocaram uma tragédia humanitária de enormes dimensões e que deixará sequelas por muito tempo. Uma tragédia que afetou e afeta a população civil, em especial as crianças, como a criança cantada por Drexler. Afinal, *"un niño es un niño y el miedo es el miedo"* e *"no hay un solo fin que justifique cualquier medio"*.

Em pouco mais de três semanas o massacre do povo palestino completaria dois anos, com a morte de cerca de 67 mil pessoas, a destruição quase total daquele território e o deslocamento de mais de 1,9 milhão de pessoas, de uma população de cerca de 2,1 milhões de habitantes, segundo dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM), que "estima

[3] A canção *El Fin y el Medio*, composta por Jorge Drexler, em parceria com seu filho Pablo, está disponível em: https://jorgedrexler.lnk.to/ElFinYElMedio

[4] Jorge Drexler foi o primeiro compositor latino-americano a ganhar o Oscar de Melhor Canção Original em 2005, com a música *Al Otro Lado del Río*, composta para o filme *Diários de Motocicleta* (de 2004), dirigido pelo brasileiro Walter Salles. Ele também foi indicado cinco vezes ao Grammy, na categoria de melhor álbum, e recebeu treze prêmios Grammy Latino, nas categorias de Melhor Álbum de Cantor/Compositor e de Gravação do Ano em duas ocasiões e na categoria de Canção do Ano noutra ocasião.

que 90% das casas em Gaza tenham sido destruídas ou seriamente danificadas", conforme publicado pela *Carta Capital* (2025). Os bombardeios realizados no território palestino e a sua tomada de posse pelas forças israelenses foram uma resposta ao sangrento ataque realizado em 08 de outubro de 2023, quando integrantes do grupo Hamas romperam os bloqueios de fronteira israelense, mataram 1.219 pessoas e sequestraram outras 251, entre civis e militares. E naqueles meses a mídia e a opinião pública mundo a fora se mostrava sensibilizada com a tragédia vivida pelo povo palestino de Gaza e exigia o fim das agressões, descomunais e inaceitáveis.

No dia seguinte ao do lançamento de *El fin y el medio*, em 16 de setembro de 2025, o *Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos* publicava em sua página da ONU: "Israel cometeu genocídio na Faixa de Gaza, conclui Comissão da ONU"[5]. A Comissão Internacional Independente de Inquérito das Nações Unidas sobre o Território Palestino Ocupado, incluindo Jerusalém Oriental, foi categórica em afirmar que "Israel cometeu genocídio contra os palestinos na Faixa de Gaza". E instou "Israel e todos os Estados a cumprirem suas obrigações legais perante o direito internacional para pôr fim ao genocídio e punir os responsáveis por ele" (UN Human Rights, 2025).

A referida comissão tomou como base investigações anteriores sobre conflitos bélicos entre Israel e Palestina, "bem como em constatações factuais e jurídicas relativas aos ataques perpetrados pelas forças israelenses em Gaza, e na conduta e declarações das autoridades israelenses entre 7 de outubro de 2023 e 31 de julho de 2025". E suas conclusões basearam-se "num exame abrangente dos atos subjacentes de genocídio (*actus reus*) e da intenção genocida (*dolus specialis*)", como registra a nota do Alto Comissariado da ONU (UN Human Rights, 2025).

> Para definir os atos como genocidas, a Comissão examinou as operações militares israelenses em Gaza, incluindo o assassinato e o ferimento grave de um número sem precedentes de palestinos; a imposição de um cerco total, incluindo o bloqueio da ajuda humanitária, levando à fome; a destruição sistemática dos sistemas de saúde e educação em Gaza; a prática sistemática de atos de violência sexual e de gênero; o ataque direto a crianças; a realização de ataques sistemáticos e generalizados a locais religiosos e culturais; e o desrespeito às ordens da Corte Internacional de Justiça. (UN Human Rights, 2025, tradução nossa).

[5] Ver "Israel has committed genocide in the Gaza Strip, UN Commission finds" em https://www.ohchr.org/en/press-releases/2025/09/israel-has-committed-genocide-gaza-strip-un-commission-finds

Um acordo de cessar-fogo entre Israel e Hamas, conduzido por Donald Trump, presidente dos EUA, foi assinado formalmente em 9 de outubro de 2025. Ele prevê uma agenda de cinco pontos a serem ajustados em novas negociações: o fim da guerra, a troca de prisioneiros e reféns, a retirada israelense, a assistência humanitária e o pós-guerra. Não obstante, de parte a parte existem denúncias de violação do cessar-fogo e dos termos do acordo. E o triste é que a população cível segue sofrendo, segue morrendo, segue desabrigada, ou amontoadas em acampamentos de refugiados, ou morando em escombros de cidades sem as mínimas condições de vida. Famílias convivem com a fome e a escassez de serviços sanitários. Crianças traumatizadas seguem com medo. Mesmo porque *"el miedo es el miedo, destierro es destierro y una hipocresía es una hipocresía"*, como expressam, sem anestesia, os versos escritos por Drexler.

O lançamento da canção *El fin y el medio* ocorreu, portanto, no contexto de uma crise humanitária de enormes proporções e de negociações por um cessar fogo e o final dos bloqueios que impediam a entrada de alimentos e medicamentos para as centenas de milhares de vítimas dos bombardeios israelenses. Por mais que Jorge Drexler não traga explicitamente na letra da canção o drama de sobrevivência das famílias palestinas da Faixa de Gaza, é impossível não estabelecer essa relação entre a obra poético-musical midiatizada e o contexto político presente naquela região do globo, naquele mês de setembro.

E convenhamos, a tragédia ainda persiste, pois mesmo após a assinatura de um acordo de paz, os ataques continuaram e outras quatro mil vidas já foram ceifadas, como atestam levantamentos noticiados no final de janeiro de 2026[6]. Ainda neste mês de fevereiro bombardeios voltaram a acontecer, como registrou o portal de notícias *UOL* em 15 de fevereiro de 2026: "Ataques aéreos israelenses matam 11 palestinos na Faixa de Gaza" (UOL Notícias, 2026)[7].

[6] Conforme noticiado no *Jornal Nacional* de 29 de janeiro de 2026: "Um comandante de Israel declarou nesta quinta-feira (29) que mais de 70 mil palestinos foram mortos na Faixa de Gaza desde o início do conflito com o Hamas, em outubro de 2023. O número coincide com as estimativas do Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas, atualmente em 71.667. Isso equivale a cerca de 3,5% da população do território antes da guerra - que começou quando terroristas atacaram Israel, mataram 1,2 mil pessoas e sequestraram 251.A informação veio de um comandante que falou a jornalistas israelenses sob condição de anonimato." (JORNAL NACIONAL, Rede Globo de Televisão, 2026)

[7] Conforme noticiado pelo portal *UOL Notícias*, em 15 de fevereiro de 2026: "Ataques aéreos israelenses matam 11 palestinos na Faixa de Gaza. O primeiro bombardeio atingiu um acampamento de tendas que abrigava famílias deslocadas no norte de Gaza" (...) "O outro ataque matou ao menos cinco pessoas em Khan Younis, no

A morte, o medo, a fome e o abandono persistem para aquela população. E as crianças são as que mais sofrem ao terem seu presente totalmente desestruturado e seu futuro comprometido. E isso é injustificável, constitui-se uma vergonha para toda a humanidade, merece nossa atenção e indignação, nossa mobilização e solidariedade. Este artigo também se insere na onda de denúncia e resistência que mobilizou expressivos contingentes da opinião pública internacional. Não podemos nos calar frente à matança de seres humanos e a destruição das bases para a legitimação de um Estado Palestino. Afinal. como canta Drexler, "*No hay signo, no hay bando, No hay ideología ni misterio, No hay un solo fin, Que justifique cualquier medio"*.

3. O texto da canção

Jorge Drexler relatou, em entrevistas, que fazia bastante tempo que ele havia iniciado a escrita dos versos que compõem a letra da canção *El fin y el médio*. Mas parece que algo faltava. E foi justamente no contexto do agravamento da tragédia sofrida pelo povo palestino de Gaza, de mobilização internacional de governos e organizações não governamentais, como a mobilização de milhares de militantes no projeto *Palestina livre! Global Sumud Flotilla*; que a canção foi concluída e divulgada. De maneira "nua e crua" Drexler

Em outubro do ano passado o site *LatinPopBrasil*, trouxe o depoimento de Drexler:

> Comecei a escrever esta canção há anos, mas só consegui terminá-la há pouco tempo. Aparentemente, nós seres humanos não aprendemos nada com nossas histórias mais dolorosas, e algumas canções continuam voltando para mim, vez após vez, ao papel e ao violão. Mas a gente não escreve quando quer, e sim quando a própria canção decide. Elas têm seu próprio tempo, e embora eu tivesse gostado de finalizá-la antes, só recentemente consegui completar a ideia como queria. A música é do meu filho Pablo, e esta foi a primeira canção que escrevemos juntos. Sobre o conteúdo de uma canção, prefiro sempre deixar que ela fale por si mesma e confiar no que tenha a dizer por seus próprios meios. (LatinPopBrasil, 2025)

O que se pode perceber é que o próprio artista, em seu processo de criação, no âmbito da *poiesis*, também vivencia uma experiência estética. Parece ser ele o primeiro espectador da própria obra. Ou seja, a *aisthesis* já está presente na *poiesis*. E uma vez a obra concluída, objeto estético fica disponível à fruição de espectadores, a percepção estética. Afinal, como nos

sul de Gaza". Tais bombardeios foram uma resposta do Exército israelense a uma incursão de integrantes do Hamas na região de Beit Hanoun. "Cruzar a linha amarela nas proximidades das tropas das Forças de Defesa de Israel, estando armado, é uma violação explícita do cessar-fogo e demonstra como o Hamas viola sistematicamente o acordo", afirmou um oficial israelense. " (UOL Notícias, 2026)

lembra Hans Robert Jauss, quando o leitor se depara com o texto, surge um "hiato quanto à *poiesis*, pois o autor não pode subordinar a recepção ao propósito com que compusera a obra: a obra realizada desdobra, na *aisthesis* e na interpretação sucessivas, uma multiplicidade de significados que, de muito, ultrapassa o horizonte de sua origem. (JAUSS in: LIMA, 2002, p. 102). Na mesma linha observamos o caso da canção aqui estudada.

Já discutimos essa interação entre as esferas da criação e da percepção, entre a poética e a estética em outros textos. Em 2011 argumentávamos que o espectador "projeta na mensagem que frui as suas expectativas, 'concretiza' a obra em um processo de re-criação, legitimando-a então". E ponderávamos que esse processo de re-criação pode ser tomado "como uma nova poética no contexto da experiência estética" (BARROS, 2011, p. 19). Em trabalho apresentado neste GT, em 2012, ensaiamos uma relação de continuidade entre essas duas esferas da produção de sentido (BARROS, 2012), a partir de leituras das teorias das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 1997, 2004) e da Midiatização (BRAGA, 2006).

Naquela ocasião defendíamos um desdobramento da experiência estética em experiência poética. Uma vez que nela ocorrem movimentos interpretativos realizados não só como fruição, mas também, "a transformação dos sentidos ali produzidos em novos discursos, que se oferecem a novas interpretações, em um processo dialógico e dialético, vivenciadas por 'comunidades interpretativas'" (BARROS, 2012, p. 9). É, pois, nessa perspectiva que comentamos aqui a canção "*El fin y el médio"*, que foi publicada pelo autor nas plataformas de streaming, passou a circular nas redes e a gerar likes, curtidas, comentários e compartilhamentos. Pôde ser recortada e editada por internautas que se reconheceram na canção e a assumiram como sua manifestação de indignação e solidariedade com a causa palestina, ou outras que questionam a guerra e a morte de crianças em conflitos bélicos.

Como observa Nicolas Bourriaud, vivemos em uma cultura de apropriações e recriações. Diz ele "Quando um músico utiliza um *sample*, quando um DJ faz mixagem de discos, eles sabem que seu próprio trabalho poderá ser retomado e servir de material para novas operações". Vivemos tempos de cortes e colagens, edições e fragmentações, que são potencializadas com o advento da Inteligência Artificial. E nesse cenário o crítico francês defende que a "obra de arte contemporânea não se define mais como a conclusão do processo criativo, e sim como uma interface, um gerador de atividades". Pois "o artista compõe a partir da produção coletiva,

se move em redes de signos, inserindo suas próprias formas em cadeias existentes" (BOURRIAUD, 2011, p. 144).

Como registramos no texto *"Nada se perde, tudo se transforma": percepção estética da música na era de sua reprodutibilidade técnica* (BARROS, 2021) apresentado neste GT, no livro *Pós-produção*, ao analisar os processos de produção, circulação e consumo da arte a partir dos anos 1980, Bourriaud (2009, p. 35) fala do "nascimento de uma cultura DJ", que leva a um "comunismo das formas", pois o primado da autoria fica diluído em meio aos processos colaborativos de produção e circulação.

Uma vez lança a canção "*El fin y el médio",* ela passou a circular nas redes e a ser noticiada em diferentes veículos midiáticos. No mesmo dia em que Jorge Drexler disponibilizou a canção nas plataformas de streaming e redes sociais, o programa *Hoy por Hoy*[8] da rede de rádio espanhola SER noticiou o novo lançamento e exibiu o vídeo original em seus canais audiovisuais. O título da matéria *Jorge Drexler estrena canción en 'Hoy por Hoy': 'El fin y el medio'* é acompanhado do lead:

> Jorge Drexler estrena canción en #HoyPorHoy: 'El fin y el medio', un tema emotivo y punzante, fruto del dolor con el que observamos el mundo.
>
> 'El fin y el medio' contiene rabia, reivindicación de la justicia y la razón por encima de cualquier consideración política o económica; belleza en la forma de expresar la belleza de la idea; y la amargura de gritar sin la certeza de que el mensaje llegue sencillo y cristalino como es: que nada ni nadie está por encima del derecho a la vida de los inocentes. (HOY POR HOY, Cadena SER, 2025)

A notícia não só alcançou os ouvintes e internautas, como foi replicada por outros veículos, como é o caso do site LatinPop brasileiro[9]. O vídeo de lançamento, contendo apenas a letra e o áudio da canção, também circulou pelas redes sociais e foi acessada por fãs do artista e pessoas identificadas com a causa palestina. Na gravação da canção, Drexler foi acompanhado Facu Balta (teclados), Tadu Vázquez (programações), Borja Barrueta (percussão

[8] Hoy po Hoy é o programa de rádio mais ouvido na Espanha com uma média de cerca de três milhões e meio de ouvintes por dia e é considerado o programa mais ouvido da história do rádio espanhol.

[9] O artista uruguaio Jorge Drexler lançou sua nova música "El fin y el médio", uma canção emotiva e contundente, fruto da dor com que observamos o mundo. "El fin y el médio" contém raiva, a reivindicação da Justiça e da Razão acima de qualquer consideração política ou econômica; beleza na forma de expressar a beleza da ideia; e a amargura de gritar sem a certeza de que a mensagem chegue simples e cristalina como é: que nada nem ninguém está acima do direito à vida dos inocentes.

em mesa) e Nasrine Rahmani (percussão flamenca), além de Jorge Drexler (voz e violão). A gravação foi mixada por Carles "Campi" Campón e masterizada por Fred Kevorkian.

No início da seção 2 deste artigo registramos as duas primeiras estrofes da canção El fin y el médio, de Jorge Drexler. Reproduzimos a seguir o restante da letra da canção, com breves comentários.

> Un daño es un daño, del verbo dañar
> Todos los daños son daños centrales
> Un niño es un niño
> No existen los daños colaterales
>
> No hay meta, no hay causa
> Ningún motivo, ningún premio
> No hay un solo fin
> Que justifique cualquier medio

A ideia de "danos colaterais", muitas vezes defendidos ou justificados pelos senhores da guerra, é frontalmente recusada por Drexler. E se as crianças são o centro da canção, o sofrimento e a morte delas não podem ser justificados como danos colaterais, ou consequência de uma guerra. E isso vale para os dois lados do conflito, pois também nos ataques do Hamas realizados em 2023, crianças foram mortas e sequestradas. Assim como outras tantas foram mortas e desabrigadas na Faixa de Gaza ao longo desses mais de dois anos de bombardeios.

> El fin es un punto por siempre distante
> Una cambiante ficción
> Un ciclón a merced de una hoja
> Una paradoja como la de Zenón
>
> Donde algo parece que se va acercando
> Y siempre se escapa, siempre se esconde
> Siempre a la misma exacta distancia
> De un mismo horizonte (mismo horizonte)

O *fim* como encerramento ou como propósito de uma guerra, de forma a que os *meios* sejam justificados e apoiados pelas instâncias políticas e pela opinião pública que integra um ou outro lado do conflito, é sempre impreciso, distante e insustentável. "Quem tem fome, tem pressa", já dizia Betinho. E no caso de um conflito tão desigual, onde a fome passa a ser uma estratégia de guerra, algo calculado, de forma perversa e insensível. Nesse sentido o paradoxo de Zenão é mesmo algo utópico e sem sentido, o tempo corre contra a Aquiles e a tartaruga. As infindáveis negociações, em palácios e hotéis de luxo, por homens fardados ou engravatados

não correspondem ao sofrimento das pessoas que estão lutando por um prato de comida, um tratamento médico ou um teto para se abrigar da chuva e do frio. Não há alteridade nessa compreensão do outro, parece não se tratar de seres humanos. Na guerra o outro é sempre inimigo e as forças em oposição operam com "a construção do outro como não ser, como fundamento do ser", como define Sueli Carneiro (2023) em seu livro *Dispositivo de racialidade*.

> El dedo que aprieta el gatillo
> Debería saber esto
> No hay tuyos ni suyos ni míos
> Si son niños, son nuestros (todos los niños son nuestros)
>
> Ni patria ni credo hay
> Ni diferencias de criterio
> No hay un solo fin
> Que justifique cualquier medio

"Todas as crianças são nossas" afirma Drexler, categoricamente. Não se trata de serem as crianças deste ou daquele lado do conflito. Elas não podem sofrer os danos. Mesmo os credos e confissões religiosas não podem servir de critério, se são crianças, são nossas, como nos ensinam os povos indígenas de nossa América Morena, as crianças são cuidadas pela comunidade, pelo coletivo. E assim desenvolvem o "sensus communalis", como denomina Herman Parret (1997, p. 198).

> No hay un solo fin
> Que justifique cualquier medio
> No hay un solo fin
> Que justifique cualquier medio
>
> No hay un solo fin
> Que justifique cualquier medio

A canção é concluída pela repetição do refrão: *No hay un solo fin, Que justifique cualquier medio.* Expressão que surge como bandeira de luta e grito de indignação. Nenhum fim, justifica qualquer meio. Nada justifica a matança de crianças, a destruição da polis e dos sonhos, o soterramento da vida, que perde o sentido.

El fin y el medio nos desafia à sensibilidade, à afirmação de nossas identidades e a valorização da alteridade. Como nos ensina Paul Ricoeur (2006), a nossa afirmação como seres humanos passa por um "percurso de reconhecimento" que envolve três dimensões de autorreconhecimento e de reconhecimento do outro: identidade, ipseidade e alteridade, como

elaboramos anteriormente (BARROS, 2022). Essa perspectiva plural e dialética de nos pensarmos e de reconhecermos o nosso lugar de fala e nosso lugar de escuta, passa por compreendermos o "si-mesmo como outro" (RICOEUR, 2014) de reconhecermos os outros que trazemos em nós.

4. Um videoclipe em rede

A canção de Jorge Drexler foi publicada nos perfis do artista juntamente com um vídeo extremamente despoluído, que traz apenas as palavras dos versos da letra escrita por ele, que aparecem conforme a canção se desenrola. Lembra a geração de caracteres automática que frequentemente se aplica a locuções de vídeo. O espectador fica concentrado na contundente poesia de Drexler. Fica atento a cada construção sintático-semântica que surge no texto e estabelece relações com seu campo semântico e pragmático, aciona outras referências sonoras, imagéticas, sensíveis, mobiliza o seu horizonte de interpretação. Mas a experiência de escuta é priorizada, com o reforço do texto escrito. O ouvinte-leitor pode trazer à memória imagens, sabores e odores, podendo e outros sons e fica livre para relacionar o texto com o contexto histórico e social no qual está inserido. Mas o exercício da interpretação parece convidá-lo a ir ao encontro da narrativa verbal embalada pela linguagem musical, pede maior apego à proposta dos autores da canção. O exercício hermenêutico parece pedir um movimento exegético. O que os autores querem me dizer com esses versos, com essa canção?

Por outro lado, a canção gerou outras peças e releituras audiovisuais, como ocorre acontecer na sociedade em rede (CASTELLS, 2006). É o caso do vídeo produzido pelo enfermeiro uruguaio Arturo Wilson, que foi publicado em outubro de 2025 nas redes sociais do sindicato de profissionais de socorro médico (Agremiación de Funcionarios de SUAT) do qual ele é vice-presidente. Enfermeiro há mais de 30 anos, especialista no atendimento pediátrico de emergência, Arturo Wilson aceitou dialogar conosco e revelou como a canção de seu compatriota Jorge Drexler o tocou profundamente e despertou nele a vontade de criar um vídeo que pudesse ser publicado em suas redes sociais. Ele testemunha o contexto em que estávamos naquele mês de setembro.

> Estávamos num momento de grande mobilização e não podíamos mais normalizar o massacre e o genocídio de um povo inteiro, de uma raça inteira, de milhares e milhares de seres humanos. E o que eu tentei focar foram as crianças, aquelas vidas inocentes, vidas inocentes que simplesmente vinham ao mundo e eram aniquiladas.

> E tudo isso simplesmente por uma luta política, por algo que não pode ser compreendido pela mente ou pelo coração de uma pessoa, algo que pode causar tanta dor, fazendo com que as crianças sofram fome e todas as dificuldades que as crianças enfrentam.

Quando os companheiros de sindicato conheceram o videoclipe de Arturo para a canção de Drexler, resolveram apoiar iniciativa e encampar a manifestação artística, que passou a circular com a logomarca da agremiação sindical. A experiência estética acerca da recriação poética do colega de sindicato, foi assim oferecida a um público ainda maior, constituindo assim "redes de indignação e de esperança" como denomina Castells (2013).

E o processo se deu de forma circular, pois o videoclipe foi editado por Arturo Wilson a partir de um vídeo que ele havia visto na internet. Um vídeo criado com recursos de inteligência artificial pelo designer gráfico indiano Sahid SK (2025) que também se sensibilizou pelo genocídio na Faixa de Gaza e elaborou um vídeo sobre o tema em 30 julho de 2025. Sahid ZK[10] é um profissional de criação reconhecido internacionalmente na área da animação e uso de IA. E ele havia escolhido uma a canção *Paradise,* interpretada pelo cantor adolecente Jeremy Belton. O vídeo original pode ser encontrado no perfil de Instagram do designer: https://www.instagram.com/reel/DMuBB9QSOMA/?igsh=MWNnZ2J1ZTMxbWttZg==

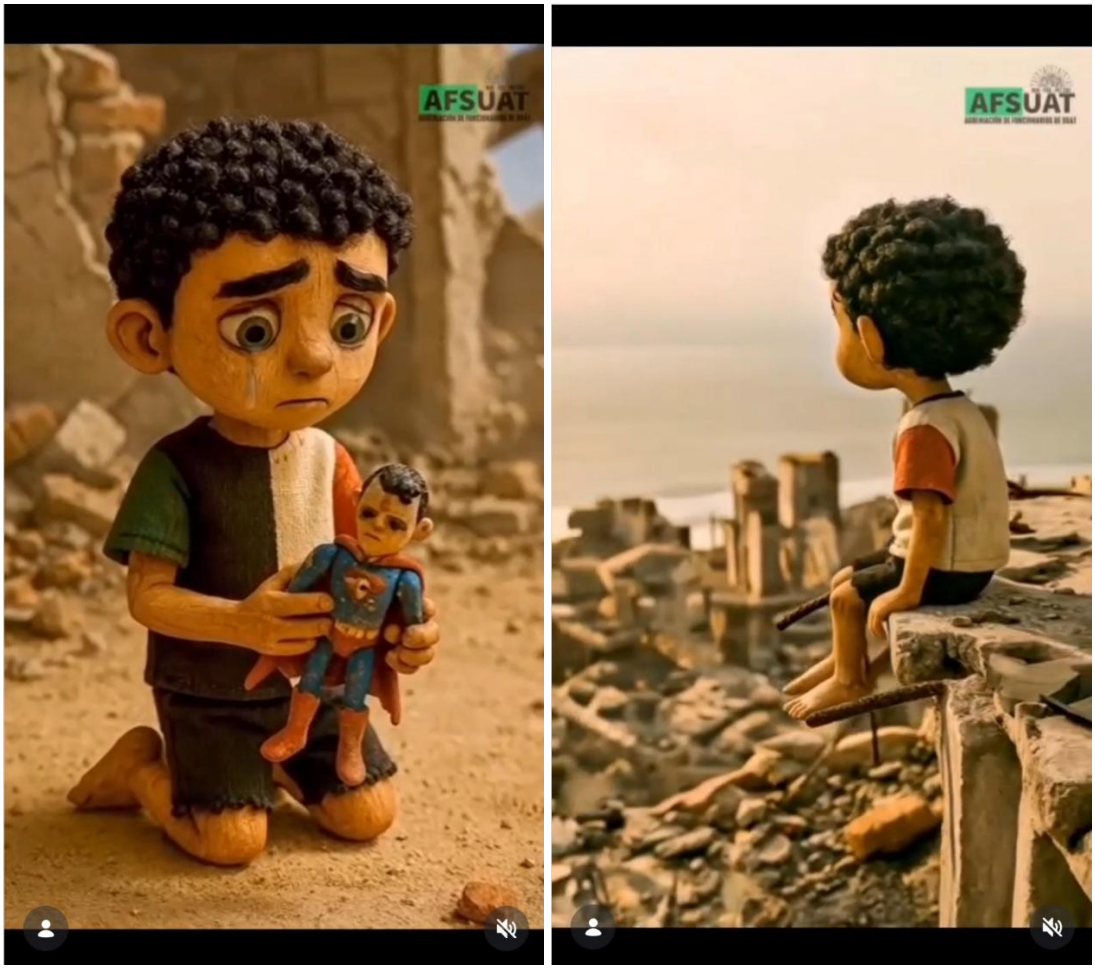
Ao falar conosco, Sahid SK compartilhou as motivações de ter produzido o vídeo original: "Fiquei devastado ao ver as atrocidades em Gaza, especialmente as notícias de crianças sendo mortas todos os dias. Fiquei arrasado. Senti-me impotente e profundamente triste por não poder fazer nada diretamente. Então pensei que poderia pelo menos fazer um vídeo para levantar a minha voz contra essas atrocidades". Ele conta que utilizou IA para produzir o vídeo: "Primeiro, gerei várias imagens usando o ChatGPT e depois as editei manualmente no Photoshop. Em seguida, animei cada quadro usando o Kling AI. Mais tarde, editei tudo junto usando o Premiere Pro". E quando indagado sobre a utilização do vídeo dele em outra produção, Sahid mostrou-se tranquilo e feliz: "Eu não tinha conhecimento do vídeo

[10] Sahid SK é um profissional de criação e cofundador da Megalodon, empresa indiana especializada em conteúdo gerado por IA. Com mais de nove anos de experiência na área criativa, ele se concentra em reimaginar a cultura popular por meio da IA, combinando humor e crítica social. Seu trabalho frequentemente apresenta cenários ficcionais envolvendo a política indiana, o cinema e ícones culturais, exibindo uma mistura única de criatividade e tecnologia. Sahid cativa um grande público com sua abordagem inovadora à arte digital e à narrativa, fazendo contribuições significativas para o espaço criativo da IA. Trata-se de um dos Top 20 do ranking mundial da FAVIKON. Um dos principais artistas/criadores de IA em 2025.

de recriação feito com a música 'El fin y el medio' de Jorge Drexler até você me enviar. Fiquei encantado. Estou feliz que meu trabalho sobre um tema tão sensível esteja sendo apreciado."

Já a recriação de Arturo Wilson implicou em varias horas de edição, sincronização e ajustes, para valorizar as imagens de Sahid SK e a canção de Jorge Drexler, em parderia do seu filho Pablo. Arturo Wilson argumenta que "cada um de nós está destinado a criar um pouco de memória a partir do nosso próprio lugar humilde, pequeno. Assim como Drexler, que a partir do seu próprio lugar, cria memória compondo uma canção que toca o coração de cada um de nós, nós temos esse dom de construir um pouco de memória para compartilhar".

Arturo argumenta que com o vídeo a mensagem de Drexler poderia chegar com mais impacto a mais pessoas. Diz ele, "naquele turbilhão de tudo o que estava acontecendo, esse vídeo transmitia a emoção de forma mais envolvente. Era isso: tocar o coração de uma criança que via o que estava acontecendo na Faixa de Gaza, uma criança que não tinha voz, nem palavras, e que expressava tudo através de Dressler naquela canção maravilhosa que ele havia criado com seu filho".



Imagens criadas por Sahid SK

Conclusão

A canção criada por um músico radicado na espanha, que inspirou a criação de um vídeo feito por um enfermeiro uruguaio a partir de outro vídeo criado por um designer indiano, é aqui trazida como exemplo da "circulação diferida e difusa" dos processos de produção de sentido na sociedade midiatizada. Os versos de Jorge Drexler, que ganharam a melodia de seu filho Pablo e foi interpretada por um conjunto de músicos, uma vez compartilhada na internet, ganhou asas e possibilitou a experiência estética de milhares de pessoas, em um continuum entre percepção e criação, *aisthesis* e *poíesis*. Trata-se de experiência estética que se desdobra em experiência poética e se oferece a novas experiências estéticas.

Este artigo é apenas mais um elo dessa corrente. Com ele, pretendemos promover a "comunicação sem anestesia", o senso crítico e dialético do diálogo. Que as apresentações e os

debates trazidos em nosso GT possam refletir essa compreensão da vida, da estética e da política. Que possamos "socielizar o sensível e sensibilizar o social", como nos propõe Herman Parret (1997, p. 197).

Referências

BARROS, Laan Mendes de (Org). **Discursos midiáticos: representações e apropriações culturais**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2011.

BARROS, Laan Mendes de. Experiência estética e experiência poética: a questão da produção de sentidos. In: **XXI Encontro Anual da Compós**. Anais do XXI Encontro Anual da Compós. Juiz de Fora: UFJF, 2012. p. 1-13.

BARROS, Laan Mendes de. Comunicação sem anestesia. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – RBCC**, v.40, n.1, p.159-175. São Paulo: Intercom, 2017.

BARROS, Laan Mendes de. Vozes que dão voz: mobilização, reconhecimento e alteridade na Web. In: Maurício Ribeiro da Silva; Carlos Magno Camargos Mendonça; Carlos Alberto de Carvalho; José Eugenio de Oliveira Menezes; Maria das Graças Pinto Coelho. (Org.). **Mobilidade, espacialidades e alteridades**. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2018, v. 1, p. 185-199.

BARROS, Laan Mendes de. Reconhecimento, estesia e alteridade para romper os discursos de ódio. In: BARROS, L. M.; MARQUES, J. C; MÉDOLA, A. S. (Orgs.). **Produção de sentido na cultura midiatizada**. Belo Horizonte: Selo PPGCom UFMG, p. 191-207, 2020.

BARROS, Laan Mendes de. "Nada se perde, tudo se transforma": percepção estética da música na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **XXX Encontro Anual da Compós, 2021**, São Paulo. | PUC-SP / Compós. 2021. v. 1. p. 01-20.

BARROS, L. M.. O "percurso do reconhecimento" nos estudos da comunicação. **MATRIZES (ONLINE)**, v. 16, p. 121-135, 2022.

BENJAMIN, Walter (et alli). **Benjamin e a obra de arte:** técnica, imagem, percepção. Rio Janeiro: Contraponto, 2015.

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. **Formas de vida**: a arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia:** Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

CARDOSO FILHO, Jorge.. Para 'apreender' a experiência estética: situação, mediação e materialidades. **GALÁXIA** (SÃO PAULO. ONLINE), v. 22, p. 40-52, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede -** a era da informação: economia, sociedade e cultura, 9ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2014.

HOY POR HOY, Cadena SER. **Jorge Drexler estrena canción en 'Hoy por Hoy': 'El fin y el medio'**. Noticiário de 15 de setembro de 2025 – disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=2MMGWvvDrDA&list=RD2MMGWvvDrDA&start_radio=1 – acesso em 18/02/2026.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JORNAL NACIONAL, Rede Globo de Televisão. **Comandante de Israel afirma que 70 mil palestinos foram mortos durante a guerra em Gaza.** O número coincide com as estimativas do Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas, atualmente em 71.667. 29 de janeiro de 2026. – disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2026/01/29/comandante-de-israel-afirma-que-70-mil-palestinos-foram-mortos-durante-a-guerra-em-gaza.ghtml . acesso em 18/02/2026.

LatinPopBrasil. **Últimas LatinPop: Notícias**, 2025. – disponível em: https://latinpopbrasil.com.br/jorge-drexler-lanca-el-fin-y-el-medio-escrita-pelo-filho-pablo/ acesso em 18/02/2026.

LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o Leitor**: Textos de Estética da Recepção. 2ª.ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade. **Revista Galáxia**, n. 22, p. 25-39. São Paulo, PUC/SP: 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. ***La palabra y la acción****: por uma dialéctica de la liberación*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes / Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**; traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições. 2018.

PAREYSON, Luigi. **Estética**: teoria da formatividade. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. 3ª Ed. São Paulo Martins Fontes, 1997.

PARRET, Herman. **A estética da comunicação**: além da pragmática. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

QUIJANO, Aníbal. **Ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires, Ed. del signo, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível:** estética e política. 2ª ed. São Paulo: EXO organizacional / Editora 34, 2009a.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. São Paulo: Ed 34, 2009b.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento:** política e filosofia. 2ª ed. São Paulo: Ed 34, 2018.

RICŒUR, Paul. **Do texto à acção**: ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés-Editora, 1989.

RICŒUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

RICŒUR, Paul. **Percurso do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

RICŒUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

UN Human Rights - Office of the High Commissioner for Human Rights. Press releases. Independent investigation. **Israel has committed genocide in the Gaza Strip**, 16 de setembro de 2025 – disponível em

https://www.ohchr.org/en/press-releases/2025/09/israel-has-committed-genocide-gaza-strip-un-commission-finds . acesso em 18/02/2026.

UOL Notícias. **Ataques aéreos israelenses matam 11 palestinos na Faixa de Gaza**, 15 de fevereiro de 2026 – disponível em https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2026/02/15/ataque-israel-gaza.htm . acesso em 18/02/2026.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2004.